

ENTRE O TER E O SER: EDUCAR PARA A VIOLÊNCIA OU PARA O SENTIDO?

Antônio Márcio Marques de Queiroz

QUEIROZ, Antônio Márcio Marques de. Entre o ter e o ser: educar para a violência ou para o sentido. **Rhema**, Belo Horizonte, v. 13, ns. s 42/43/44 (Edição Unificada 2007), p. 213-217. 2007.

INTRODUÇÃO

A grande violência exercida sobre o homem é aquela que o reduz unicamente ao aspecto do ter como condição essencial para sua realização humanitária. O esquecimento do ser e de todas suas implicações leva-nos ao esquecimento do homem como ser de potencialidades e de abertura para a descoberta de novos horizontes.

“A aniquilação com a mão acompanha a aniquilação com o juízo”, como dissera Nietzsche¹. Acompanhada da violência física vem a violência da falta de sentido, o homem sendo reduzido ao nada, à dizimação de seus valores.

EDUCAR PARA A VIOLÊNCIA OU PARA O SENTIDO?

A razão científica impregna a sociedade atual de grandes males ao pretender-se como único saber verdadeiro sobre o homem. É evidente que, neste mundo do “praxismo” e “tecnologismo”, a razão científica instaurou o império do ter, do fazer, de tudo que é útil e pragmático, colocando em segundo plano o que é permanente, supremo; em última

¹ REALE, 1999, p. 113

instância instaurou o império da “aparência do ter” sobre a verdade do ser. Para esta questão, Giovanni Reale enfatiza o seguinte:

As causas profundas dos males do homem de hoje são justamente esses disfarces niilistas dos valores supremos que caíram (como tais) no esquecimento.²

Definitivamente, precisamos pensar uma educação não baseada no reducionismo cientificista-tecnológico, legando ao homem apenas um de seus aspectos. Um ato educativo à luz de uma coerente filosofia levará à descoberta das várias dimensões do humano; haja vista que reduzir o homem a um aspecto é também reduzir seu horizonte de mundo a um único aspecto. Se há possibilidade para mais, por que este reducionismo?

“Um dos maiores males contemporâneos consiste na redução maciça do homem a uma única dimensão.”³. Todo reducionismo é perigoso e autodestrutivo, pois o que poderia ampliar-se tenderá a se tornar ínfimo. Se o tecnologismo não leva o homem a “dialogar com o todo”, este será reduzido a uma subjetividade acrisolada na superficialidade do ser. Ou digamos melhor, o ter (a aparência) impõe-se sobre o ser (que é fundamento); aliás, esta é uma mentalidade niilista contemporânea:

No mundo de hoje, muitos homens preferem buscar não o ser, mas a aparência (o look!): não importa aquilo que você é, mas aquilo que você tem. Aliás, não importa o que você é, mas o que os outros pensam que você é e que você tem.⁴

2 REALE, 1999, p. 33

3 REALE, 1999, p. 159

4 REALE, 1999, p. 257

O mundo da “aparência” é mais importante, o ser deve ser aquilo que “parece verdadeiro.” Diante dessas constatações, precisamos pensar uma Educação de valores não-oscilantes, valores que resgatem a dignidade do homem, a essência imutável do homem, ser pensante e metafísico, capaz de transcender a matéria e contemplar a beleza da forma. À medida que tudo está relativizado, perde-se o valor supremo e, como Protágoras entendeu bem, “o homem passa a ser a medida de todas as coisas”; a subjetividade cede lugar a um relativismo/ subjetivismo absoluto.

Reeducar o homem de hoje significa, sobretudo, ajudá-lo a desenvolver os juízos de valor, mais que o pensamento puramente ‘racional’ (ou seja, ligado ao reducionismo tecnológico).⁵

A dessacralização do belo, a relativização dos valores conduzem o homem para a destruição e dessacralização de si mesmo. Enfim, é porque o homem perdeu seu próprio sentido (o sentido do ser) que ele não encontra sentido nas coisas. Talvez estejamos precisando entender melhor o dito socrático: “conhece-te a ti mesmo”, buscando uma reconciliação com o ser, com a alma humana e a dimensão esquecida do amor.

Seria preciso encontrar o caminho a percorrer para redescobrir a dimensão ontológica do belo, e voltar a sentir aquele arrepio metafísico que o belo provoca, quando é desfrutado em sua autenticidade.⁶

Toda verdadeira ação educativa nesse contexto de degradação do ser, deverá levar o homem a reconciliar-se consigo mesmo, com suas dimensões perdidas no tempo pragmatista e no mundo do tecnologismo. Entendemos que o caminho do ter passa antes pelo ser e que toda

5 REALE, 1999, p. 142

6 REALE, 1999, p. 147

educação que privilegia o ter se torna reducionista e minimiza o ser do homem em suas múltiplas dimensões.

Precisamos lembrar-nos de Aristóteles e do justo meio (ou justa medida); esta é que deve ser a base de todas nossas ações. Verdadeiramente é o bom senso (o meio-termo justo) que não nos permite cair em extremismos e reducionismos.

A redescoberta do valor da pessoa também se inclui aqui, pois além do bom senso no ato educativo, cumpre ao educador redescobrir o valor do humano e, a partir daí buscar uma educação apaixonada pela vida, pelos valores essenciais que regem o mundo, e que não estão transitando no aparente.

Eis um conselho de Reale: “Se você quer aumentar aquilo que tem (os bens exteriores) deve simultaneamente aumentar aquilo que você é (os bens interiores).”⁷ Portanto, do que dissemos, entende-se que a aplicabilidade da filosofia à educação impede qualquer tipo de reducionismo, pois a filosofia dialoga com o ser, não com parte do ser, mas dialoga com o ser em sua totalidade e em sua potencial riqueza para a vida, para o aprendizado e para a descoberta. Definitivamente, “o mundo precisa de filosofia”, e a educação muito mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que refletir sobre o processo educacional é refletir sobre a problemática das relações humanas, pois é na relação que a educação se dá e; o diálogo, sobretudo, é o meio eficaz e propício de realizar o aprendizado. Além de estar inserido num processo histórico, o homem também é um ser de palavra, é na palavra que ele se constrói e constrói seu universo lingüístico, eis porque se torna tão essencial o

⁷ REALE, 1999, p. 258

cuidado com o diálogo educativo e formativo. Todavia, a autoviolência é um fechar-se em si mesmo, impedindo a reciprocidade da palavra que amplia horizontes.

É nas relações que nos educamos; por isso o cultivo das relações deve visar a uma educação do homem. Tal cultivo das relações deve estar refletido na sociedade e na escola como local privilegiado da prática educativa, como local de relações educativas e formativas do homem. Aqui a filosofia ocupará a função de pensar o homem e as diversas formas que o educam, propiciando uma reflexão ética sobre os objetivos educacionais, uma reflexão sobre os conteúdos, relações interpessoais e princípios que devem reger o ato educativo. O cuidado com nossas relações é o cuidado com nossa educação e vice-versa.

BIBLIOGRAFIA

- REALE, Giovanni. **O saber dos Antigos - Terapia para os tempos atuais.** Trad. Silvana Cobucci Leite, São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MENDONÇA, Eduardo Prado de. **O mundo precisa de Filosofia.** Terceira edição, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1973.